

# INTERDISCIPLINARIDADE, DISCURSO E DIÁLOGO CIENTÍFICO: ENTRE-VISTAS

Joanildo A. Burity<sup>1</sup>

Para muitos de nós a interdisciplinaridade se impõe hoje como alternativa de fazer científico por duas fortes razões: primeiramente, pela descoberta, confirmação ou reconhecimento (a contragosto?) de que algo em excesso perturba o real construído (mas isto já é transgredir o que pretende passar como rigorosa e objetiva **descrição**) pelo saber disciplinar; e em segundo lugar, pela necessidade de fazer confluírem energias e recursos escassos num projeto de que resultem frutos. Frutos que sejam perceptíveis - não pequenos demais que possam ser ignorados; apetecíveis - despertando o interesse e o desejo de usufruí-los; e eficazes - produzindo efeitos que desloquem a inércia de um certo *statu quo* ao qual se dirijam.

No primeiro caso estaríamos diante das justificativas meta-teóricas da interdisciplinaridade: a insatisfação com as formas, estilos e procedimentos adotados pelas disciplinas, a partir do que fora o projeto moderno de um saber sobre a sociedade<sup>2</sup>. Abertura de uma visão ex-orbitante do mundo: o que há para saber e "descrever" em cada caso, por minúscula que seja sua delimitação, é já demais para as lentes do saber disciplinar. Não somente os velhos objetos transbordam as velhas explicações, mas também novos objetos estariam emergindo, índices de uma tremulação do real que faz violência às fronteiras classicamente conhecidas. De forma mais preocupante para os guardiães da ciência clássica, emergem também novas tecnologias do saber, novos olhares e procedimentos que, não se contentando em melhor adequarem-se à natureza do objeto, põem em questão esta própria noção, ou melhor, de um objeto "ali", destacado e independente do olhar e da manipulação do pesquisador, mesmo do mero observador. Disputam a natureza autônoma do objeto, querem fazê-lo curvar-se aos protocolos do saber, da flexão do sujeito sobre o outro, ou em direção ao outro, emergindo juntamente com a refração desse olhar, dando-se a conhecer tanto quanto sendo criado pela miragem do saber objetivo, da distinção/oposição entre sujeito e objeto<sup>3</sup>.

No segundo caso acima indicado, estamos diante das justificativas mais prosaicas da interdisciplinaridade: rendição à necessidade, pragmatismo ditado pela pressão da

---

1 Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e professor do Mestrado em Ciência Política e da pós-graduação em Sociologia da Universidade federal de Pernambuco.

2 Deixarei deliberadamente de lado aqui as referências à interdisciplinaridade no campo das ciências ditas exatas (cada vez mais infestadas, também elas, pela "praga" da complexidade, do acaso, da relatividade, da incerteza).

acelerada profissionalização das ciências humanas e sociais, consciência de múltiplos limites - limites geo-político-acadêmicos, dependendo de onde se está num espaço marcado pelas referências de centro e periferia e com quem se conta que possa "dar peso" a um projeto local; limites de recursos humanos especializados em número suficiente para levar adiante o projeto disciplinar; limites de recursos materiais - financeiros e logísticos (prédios, salas, equipamentos, materiais de consumo, etc.); limites da própria capacidade de institucionalização das disciplinas no campo acadêmico nacional. Neste caso, a interdisciplinaridade é mais uma injunção do que uma opção, aquiescência e não uma ruptura com padrões precedentes de construção do saber. Trata-se mais da administração da escassez do que da transgressão de fronteiras que se esgotaram em sua capacidade de conter a proliferação de estratégias de conhecimento e de abrigar soluções para os problemas que se propuseram a resolver. Dilemas ao sul do Equador, angústias de sua necessidade de ser o que/como o Outro determinou há muito, com a promessa de que pelo saber - produzido de uma certa maneira, por certas pessoas e referendado em certas instituições - a emancipação se aproximaria. Dilemas acirrados pela mentalidade que seria saudavelmente meritocrática e profissional não guardasse fortes traços tecnocráticos, a par com a tendência hegemônica no poder, arrojando universidades num processo de nivelamento em que o perfil do mais "avançado" torna-se o padrão de todos os demais e demandando dos "atrasados" que se alinhem, nivelem no menor espaço de tempo possível, e puxando-se pelos próprios cadarços<sup>4</sup>.

A conjunção dos dois casos é igualmente possível, uma coisa alimentando a outra - a exposição a/sedução por um discurso crítico da disciplinaridade alcançando pesquisadores em contextos onde prevalecem a baixa institucionalização das disciplinas e a pouca disponibilidade relativa de recursos materiais e humanos, e surgindo como uma alternativa que é ao mesmo tempo ultrapassagem e válvula de escape. Desde um outro prisma, os rigores de uma situação de séria limitação da qualidade do saber produzido/veiculado nos contextos em que se transita podem levar a uma sensibilização para estratégias mais "econômicas" e mais "atualizadas", reunindo-se esforços para que pequenas contribuições parciais e desiguais na sua intensidade, produtividade e reconhecimento, possam compensar a carência, o descompasso com outros centros de produção de saber alegadamente mais avançados.

---

3 Destaque-se aqui a contribuição fundamental que a tradição hermenêutica deu nessa direção, disseminando-se por uma série de intervenções intelectuais mais contemporâneas, ainda quando estas guardam distância ou não reconhecem integralmente seu débito (cf. Ricoeur, 1988; Santos, 1989; Soares, 1994).

4 Não sou absolutamente contra a definição de padrões de excelência, nem a emulação em busca de maior e melhor produtividade e maior reconhecimento social do trabalho intelectual. O que singularizo aqui diz mais respeito ao modo como a questão dos critérios tem sido regulada por uma ânsia quase darwinista de selecionar os mais aptos, reduzir a escala dos contempláveis com recursos e suporte institucional e remodelar o espaço da produção do saber segundo uma lógica gerencialista e de linha de montagem voltada para "o mercado". A interdisciplinaridade, neste contexto, torna-se um mecanismo racionalizador e econômico de disposição das energias e recursos mobilizáveis para o trabalho científico, muito mais do que uma interrupção da lógica disciplinar até então prevalecente.

Uma quarta possibilidade, sub-produto de um "clima" interdisciplinar, é uma certa fascinação do discurso da pluralidade que se alimenta de e reproduz uma superficial adesão a (ou pelo menos familiarização com) as regras do jogo disciplinar. Superficialidade do saber disciplinar - classicamente descrita como falta de rigor metodológico e debilidade teórica - que se transmuta em trunfo da interdisciplinaridade: pega-se um pouco disso, um pouco daquilo, mistura-se bem (ou mal) e, *voilà*, eis um trabalho interdisciplinar! Estamos aqui diante de uma prática efetivamente encontrada sob o manto da interdisciplinaridade, ainda que injustificável publicamente: quer-se ser interdisciplinar ou porque é moda assim fazê-lo, ou porque não se tem capacidade de atender aos requisitos da disciplinaridade, ou ainda porque se é insuficientemente laborioso ou paciente para cumprir as muitas exigências do trabalho. Sombra a turvar a boa-fé dos discursos favoráveis à interdisciplinaridade, e nem sempre possível de ser isolada do que seria a "boa prática", joio no meio do trigo.

Em tudo isto - e mantendo-nos em consonância com um certo espírito dos tempos - há mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais (a ordem nada diz aqui sobre precedências ou sequências) e há condições propícias para a interdisciplinaridade. Dito de outra forma, há um **mercado** para as práticas interdisciplinares, que corresponde não somente a um novo ponto de ancoragem do saber científico<sup>5</sup>, um novo critério e lógica de seu funcionamento, mas também a um insistente motivo ou tema de suas preocupações: assistir ao mercado, controlar o mercado, explorar o mercado. Dizer mercado é falar de uma conjuntura histórica em que a ciência "faz as pazes" com a subsidiaridade ao capital, a eficiência, a qualidade total, e o lucro. Torna-se um produto, uma mercadoria, faz-se acompanhar de linhas de produção - em tudo o que estas envolvem de instalações, pessoal funcionalmente diferenciado, técnicas cujo desenvolvimento, utilização e aprimoramento dependem da demanda e da concorrência, controles de qualidade, investimentos e estratégias de marketing. Dizer mercado, portanto, é saber onde se situa nossa fala sobre a interdisciplinaridade e de onde provém uma das conclamações a assumi-la. Dizer mercado é também dizer exposição, circulação, efemeridade, saturação e desuso: o destino da interdisciplinaridade está na dependência de sua capacidade de se apresentar como atendendo a uma necessidade do campo acadêmico e de outros usuários do saber científico, de se cercar de pesquisadores de base (os teóricos e metodólogos) que saibam o que pode "pegar" e como fazer para produzi-lo, de pesquisadores-operários que ponham em prática este *know-how* (professores, pesquisadores de temas, consultores, etc.). Não somente isto, a

---

5 Bem entendido, novo em termos relativos: o vínculo entre ciência e mercado está longe de ser novo, remontando no mínimo ao crescimento de uma indústria editorial a partir do século 17; ampliando-se para as propostas de subsidiamento da indústria pela ciência no século 19; e potencializando-se de forma exponencial por meio do recrutamento das ciências sociais para o desenvolvimento de tecnologias da administração e da coordenação dos laços entre saber e mercado. O que é novo é que, em torno de uma certa idéia da função crítica do saber científico, predominou por longa data uma visão seja da incompatibilidade entre produção do saber e ditames do mercado, seja da tendência à abstração e alienação dos cientistas em relação às necessidades do "mundo real". Tais preconceitos (pelo menos assim se os vê hoje) já não fazem mais sentido hoje, a ciência expondo-se cada vez mais despudoradamente nas vitrines do mercado, ainda quando por razões puramente pragmáticas: quer sobreviver.

interdisciplinaridade e os saberes que produz(irá) precisará circular em meio a outros objetos e serviços, mostrar-se "diferenciada" num mercado saturado de opções, mostrar-se capaz de renovação (ainda que cosmética, mas isto nunca significa pura e simplesmente um "toque" de superfície) para manter-se em alta. Eventualmente, como sabemos, a interdisciplinaridade - enquanto exigência de um certo discurso oficial das instituições acadêmicas - irá saindo de evidência, perderá terreno no mercado, envelhecerá ou será desbancada por outra ousadia teórico-metodológica e temática. A lei do mercado é que tudo o que circula está fadado a mover-se entre a demanda por dinamismo (pela qual busca manter-se atrativo e vendável) e a efemeridade dos hábitos de consumo. Certamente, há produtos que, uma vez introduzidos, mantêm-se por longo tempo na "preferência" do público. Mas isto não decorre de suas qualidades intrínsecas e sim da reprodução da "necessidade" que os requisitou em primeiro lugar.

Não pretendo fazer nenhuma abordagem cínica e distanciada do assunto. Ao assumir a responsabilidade - e isto nos remeterá depois a uma outra dimensão da nossa época, pouco acomodável ao "clima" mercadológico, a questão da ética - de falar sobre discurso e diálogo científicos, (acho que) estou perfeitamente consciente de que é neste tempo que vivemos e de que, ao estarmos identificados com o saber científico, um pedaço do que somos joga aí seu destino (invoco uma vez mais a metáfora de algo que nos transcende, sem deixar de sofrer nossa interferência sob a forma de decisões). Não quero, portanto, desqualificar a prática da interdisciplinaridade, nem o saber científico *tout court* - não me venham com as pechas de mercenário do saber nem de irracionalista. Mas me parece conveniente partir desta reflexão - movido por impulsos que não controlo inteiramente - para colocar algumas questões ao discurso de/sobre a interdisciplinaridade e à medida em que ele instaura ou amplia um autêntico diálogo científico.

É preciso manter um duplo vínculo com a interdisciplinaridade: nem simplesmente contra nem a favor, mas ao mesmo tempo contra e a favor, não deixando que uma das alternativas tenha a última palavra, mas tampouco deixando que o duplo vínculo tenha a última palavra, levando-nos à paralisia e à indecisão. Em outras palavras, é preciso uma política em relação à interdisciplinaridade que permita afirmar algo ocorrendo no interior do duplo vínculo, até o ponto em que, em certos momentos, tomemos partido, decidamos, lancemo-nos no sem-fundo da opção. Se a decisão não pode ter a última palavra, não deve acomodar-se num conservadorismo interdisciplinar ou anti-interdisciplinar, é porque precisa reinventar-se sempre, mudar de terreno, compor-se, auto-criticar-se.

Interdisciplinaridade, retomo, atende, portanto, a duas motivações: consciência do "excesso", da exorbitância e consciência da escassez, dos limites. Contraditória condição dos partidários da interdisciplinaridade nestes tristes trópicos. Seduzidos e convocados por um discurso de cuja origem não participaram - mas para a qual contribuíram ainda quando não existiam, ou mesmo que não o quisessem inteiramente ou disso tivessem consciência, pelo simples fato de pertencerem ao mundo que não

apenas foi descoberto a partir de/pela ciência do ocidente, mas que descortinou para esta ciência um imenso continente do desconhecido, do inclassificável, do indisciplinado/ável. Não somente seduzidos, mas também impedidos de promover uma política da exuberância interdisciplinar, aventurando-se por esta trilha por motivos menos que livremente escolhidos e compelidos a oferecer produtos cujas condições de disputar em pé de igualdade com a produção interdisciplinar de outros territórios acarretam sacrifícios enormes para os pensadores e operários locais da interdisciplinaridade: fazer do artesanato<sup>6</sup> da pesquisa um produto "diferenciado" e atraente ou alocar para a pesquisa recursos que, conquanto desesperadamente necessitados, farão falta em outros lugares.

Muito apropriado falar da interdisciplinaridade como exorbitância ou exuberância do objeto: não são os trópicos tradicionalmente a mais cabal representação desta exótica? Estaríamos, portanto, no terreno do próprio, adequadamente tratando de forma múltipla o que já seria por natureza multifacético. Ser interdisciplinar seria a contrapartida operacional de uma ciência produzida em contextos que não se deixam, por sua própria natureza, captar pelo olhar cartesiano (ou pós- isto ou aquilo) da ciência norte-ocidental, exigindo a articulação de saberes parciais.

Muito apropriado - embora talvez menos estimulante - falar da interdisciplinaridade como escassez, como artesanaria. Afinal, não é característico dos pobres - embora quase nunca se pergunte a eles se esta é uma preferência de sua parte - aproveitar, reciclar, dar usos diferentes para objetos e instrumentos concebidos para outros fins, compor novos objetos com cacos dos que já não mais servem para outros ou deixaram de cumprir funções social ou economicamente apreciadas? Produzir saberes multidimensionais, multi-temáticos, multi-enfocados estaria, então, em conformidade com a realidade vivida, mesmo quando os pesquisadores, eles mesmos, não vivenciam tal pobreza **no** real como sua condição própria, apenas se deparam com ela como "característica" ou "tema".

Mas o que é o próprio desta realidade exuberante não estaria dividido, desde a "origem" não-originária da conquista e da colonização até os dias atuais - em que de novo está em jogo o sentido do **próprio** neste movimento que atende pelo nome de globalização? A fragmentação desta realidade em um caleidoscópio de situações, pontos de acesso e de fuga não seria um resultado de (des)encontros com o outro, da marca das "descobertas" e da empresa de rapina e destruição, pela Cruz e por *El-Rey*, tanto

---

<sup>6</sup> Não é em larga medida de artesanato que se trata quando carecemos de boa formação disciplinar, teórica e metodológica, de espaços estimulantes de discussão e troca de idéias e experiências, de boas bibliotecas, salas, recursos para viagens, aquisição de materiais, etc.? Comparada à generosidade relativa das possibilidades usufruídas pelos pesquisadores do Norte, só pode se afigurar como artesanal a prática da pesquisa em condições como as nossas, numa região pobre, em universidades periféricas, num país onde há tantas outras coisas urgentes a se fazer ao mesmo tempo. De outro lado, se há alguma vantagem no atraso, talvez seja ela a oportunidade de contarmos com um *know-how* sobre como "se virar" em contextos de escassez e a dinâmica de bricolagem que tal artesanaria implica. Isto pode vir a ser bastante útil para redimensionar a interdisciplinaridade em linhas compatíveis com as dificuldades de nosso tempo.

quanto (em certos casos, até mais do que) uma revelação do que estivera sempre aqui? Não cuidamos mal desta suposta exuberância original, sendo incapazes de resistir à tomada de posse de nós mesmos pelo outro, física e simbolicamente, ao ponto de virmos a ser esta obra pós-moderna *avant la lettre* que se faz ao se(r) desconstruir(da)? Nossa exorbitância em relação aos cânones do saber norte-ocidental não se descobre pela própria mobilização dos recursos e da herança crítica dessa mesma tradição de que cumpre se subtrair, afirmando-a e negando-a ao mesmo tempo? O que é o próprio que, em nós, reclama por interdisciplinaridade? Quem reclama por interdisciplinaridade e com que motivos? Não haveria em nossa fala algo menos do que uma afirmação do próprio? Mas não seria também, de qualquer forma, a (fala sobre) interdisciplinaridade um sintoma de que não há simplesmente uma deficiência habitando em nós, mas algo outro, uma outra ordem de solidariedade com o outro que não se deixa captar pela linguagem da colonização, da imposição, da expropriação ... e do saber disciplinar?

Ora, é jogando com a indecidibilidade destas passagens entre termos contraditórios, ou oposições frontais, como no caso dos pares exorbitância/limitação ou exuberância/escassez, ou desta breve provocação sobre o sentido do próprio/natural e do que é outro/acidental que, desde os anos 60, se constitui e pratica a desconstrução. Um discurso que, se jamais (até onde eu saiba - e não sei tanto assim) encarou de frente o tema da interdisciplinaridade como forma ou proposta de diálogo científico, não somente provê elementos "de base" (para manter-me na metáfora acima introduzida ao falar da distinção entre teoria e prática do saber interdisciplinar) como produz uma interminável tecedura interdisciplinar. Discurso difícil, que assume sem negociar ou transigir, a complexidade do terreno em que o encontro com o outro se dá - outro que nem é totalmente estranho, nem tampouco familiar, que não é traduzível nem tampouco puramente idiomático; outro que seduz por nos fazer experimentar o que nos falta, e ameaça, por não se deixar compreender e descrever antes e fora do encontro, do diálogo, embora, se deixamos que se aproxime e dialogue, possa nos modificar ou desfigurar para além do antecipável.

Nos parágrafos que seguem, gostaria de redirecionar o foco deste comentário para a maneira como a interdisciplinaridade aparece, sem se nomear por este termo, num discurso como o da desconstrução. E o faço por dois motivos, basicamente: porque me parece tratar-se de uma contribuição tão evitada e recusada por sua dificuldade e grau de abstração quanto profundamente imbuída do "espírito" interdisciplinar (ao ponto de praticamente se situar na fronteira do pós-disciplinar)<sup>7</sup>; e porque a desconstrução se põe como tema e método, não um conjunto de princípios ou regras, mas uma forma de **relação com o outro** cuja situação contraditória, aporética mesmo, anuncia dilemas e desafios da prática interdisciplinar. Proponho, então, que nos percamos por alguns minutos (e páginas) por caminhos de uma visada sobre a interdisciplinaridade que nem

---

7 Não obstante, nada há de mais insistentemente disciplinar do que a maneira como a desconstrução se vê, particularmente em Derrida (e até onde "desconstrução" é capaz de nomear tudo o que este faz), situada no campo da filosofia, ainda quando se diz ser ela não ciência, mas literatura, religião ou puro obscurantismo.

assume esta modalidade do saber como sua, nem deixa de preparar-lhe terreno e de modificá-la de uma ponta a outra. Nem isso, nem aquilo, que também é isto e aquilo.

Por onde começar é já uma preocupação que não escapa à desconstrução. Como melhor dar entrada à discussão do nosso tema em linha derridiana (se é que se trata de esposar qualquer linha)? Ou como assegurar que esta é a entrada que enfim nos abre a porta ao âmago do problema? Como nos precaver contra o desvio, a perda de rumo, a tergiversação, a inconsistência? Pois bem, Derrida diria que estas preocupações procedem de um conjunto de concepções que se aproximam na medida em que partilham de uma crença no poder fundante de uma origem e na capacidade disciplinadora<sup>8</sup> de um destino aberto a partir dela. A idéia de que, por exemplo, uma investigação em ordem cronológica, etimológica, epistemológica nos revelaria o de onde e para onde da interdisciplinaridade, por diferente que seja da idéia de se reconstituir um *corpus* de textos que discorram sobre o tema/termo/assunto e delimitem um campo específico do saber, é-lhe análoga num ponto: ambas acreditam que a origem guarda o segredo do futuro ou que se constitui num núcleo a que se crescem círculos mais ou menos concêntricos que fazem sistema, que se fecham precisamente por referência ao poder unificador, ou disciplinar, do referido núcleo. O cerne da questão, o âmago do problema, o essencial do tema seriam lugares e prescreveriam um programa que nada tem de auto-evidente nem de inocente. Seguir-lhe os passos é inserir-se numa malha de pressuposições e marcos analíticos que refazem a história da metafísica e do lugar que nela a idéia de ciência veio a ocupar.

Começar por onde? Pela caracterização da questão interdisciplinar? Pela identificação de textos derridianos em que aquela se apresentasse? Pela sistematização destas intervenções? De que meios lançar mão para produzir este discurso desconstrutivista da/sobre a interdisciplinaridade?

A questão do princípio - começo, regra fundante ou critério - aqui encontra-se com a questão do caminho a tomar - método. E talvez seja por aqui que devemos começar. A desconstrução é famosa (e infame) pela sua denúncia da impureza das oposições metafísicas entre o dentro e o fora, o real e o irreal, o verdadeiro e o falso, a luz e as trevas, a linguagem e a referência. Representa assim uma crítica do dualismo e do binarismo. A desconstrução também visa a produzir, evidenciar, o descentramento da totalidade, da estrutura, da pretensão de todo sistema ou discurso de estabilizar e dominar inteiramente os elementos que recaem sob a sombra de sua esfera de pertinência, poder ou interesse. Representa assim, uma crítica dos discursos "estruturalistas" (termo que deve ser entendido em toda a generalidade permitida pela definição de uma perspectiva voltada para captar a invariância em meio à dispersão e aparente incomunicabilidade dos acontecimentos<sup>9</sup>). A desconstrução, enfim, se beneficia de, e leva longe, os efeitos da guinada linguística "inaugurada" pela intervenção

---

<sup>8</sup> Lembremo-nos que a história da palavra "disciplina", a partir do latim, articula castigo e instrução, repressão e metodicidade, numa prática de controle da qual a história das ciências humanas e sociais é um capítulo fascinante, analisado argutamente por Michel Foucault.

saussuriana, pela qual o mundo fez-se sentido/discurso e a correspondência entre sentido e referência, palavras e coisas, pensamento e realidade foi descartada em função da imagem da articulação entre significante e significado a qual, se é inevitável do ponto de vista da estrutura do signo, é sempre convencional, arbitrária, historicamente determinada do ponto de vista do vínculo concreto assumido pelos dois elementos. Representa uma crítica da imediação objetivista que se alimenta de uma oposição entre linguagem e realidade e pretende poder, via o empirismo e o rigor do método científico, aceder diretamente ao real, lançando mão da linguagem apenas como instrumento de comunicação, neutro e transparente.

Mas o que não poderíamos jamais fazer seria tomar estas afirmações de modo categórico. Pois a desconstrução não se conforma em repetir o gesto inteiramente metafísico de dar o passo fora e além do discurso/situação/estrutura criticado(a), de deixá-lo para trás, ou de superá-lo elevando-se a um patamar superior. Nem admite que só é possível enfrentar os limites, inconsistências e arbitrariedades de um dado discurso ou sistema pelo ataque frontal e desde fora a ele. Desconstruir é afirmar, de partida, que nas margens ou no singular já se produziu a divisão e a fratura entre o que é e o que pode ser, entre a particularidade e a generalidade, entre o fragmento e o todo. Assim, não há o princípio, o começo absoluto, mas inúmeros começos e traços de começos, que são e podem ser submetidos a questionamentos e mostrarem-se menos que sólidos em suas pretensões e menos estáveis em suas possibilidades de reconfiguração. Não havendo outra linguagem que seja estranha à história da metafísica, a crítica aos conceitos e programas situados na referida história terá que se fazer a partir de dentro de sua clausura (cf. 1967:410-13).

É segundo este entendimento, por exemplo, que Derrida aborda a contribuição aparentemente altamente anti-metafísica da etnologia (antropologia estrutural), em "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas". Neste trabalho, Derrida explora as possibilidades abertas pela distinção lévi-straussiana entre o engenheiro e o *bricoleur*, que pretende dar conta de duas modalidades de se situar no campo do saber e se haver com a adequação entre meios/instrumentos e fins. É conhecida a opção de Lévi-Strauss de conservar, denunciando seus limites, os velhos conceitos que se tem à mão, "como instrumentos que podem ainda servir. Não se lhes atribui mais nenhum valor de verdade, nem nenhuma significação rigorosa, estando-se pronto a abandoná-los se outros instrumentos parecessem mais cômodos" (Derrida, 1967:417). De um lado, contestar o valor das oposições entre conceitos (como natureza/cultura) e o sentido

---

<sup>9</sup> Spivak assim define estruturalismo: "é uma tentativa de isolar as estruturas gerais da atividade humana. Assim, o estruturalismo de que falo é em larga medida o estudo da literatura, linguística, antropologia, história, socio-economia, psicologia. Uma estrutura é uma unidade composta de alguns elementos que são invariavelmente encontrados na mesma relação no interior da 'atividade' descrita. A unidade não pode ser decomposta em seus elementos isolados, pois a unidade da estrutura é definida não tanto pela natureza substantiva dos elementos quanto por sua relação" (Spivak, *apud* Derrida, 1976:lv). Derrida, no ensaio que abre seu *Escritura e Diferença*, chama a atenção para o fato de que a fascinação pela estrutura está longe de ser uma moda dos anos 50-60, reunindo uma história mais vasta e possibilidades mais diversificadas do que as disponíveis na conjuntura de emergência da vaga estruturalista contemporânea (cf. 1967:9-14).

recebido ou predominante dos mesmos; de outro, utilizá-los conforme se apresentem, aos cacos e fora de lugar, como o *bricoleur* - eis o método etnológico d'*O Pensamento Selvagem*. Para Derrida, no ensaio já mencionado, "o que parece mais sedutor nesta investigação crítica de um novo estatuto do discurso é o abandono declarado de toda referência a um **centro**, a um **sujeito**, a uma **referência** privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta" (Idem:419).

Isto não é um contraste entre o saber das ciências humanas e o das ciências exatas. Todo saber é bricolagem: o saber de engenheiro é um mito. Também o é a bricolagem. Porque cada um só faz sentido em relação ao outro. Cada um só tem sentido por sua diferença em relação ao outro. Não se trata simplesmente de optar por um dos termos da oposição porque, se deixamos de acreditar no "engenheiro", diz Derrida, e passamos a crer que todo conhecimento é bricolagem, o sentido desta torna-se ameaçado e a diferença que o possibilitou se esvai. É isto que significa usar uma palavra "sob rasura", riscada de tal forma que a apagamos, mas deixamo-la legível: já não é mais possível usá-la, mas (ainda) é necessário fazê-lo.

Se a análise do mito, como estrutura a-cêntrica exige que se assuma algo da forma do mito, tornando-se o discurso mito-lógico também mito-mórfico, no caso, partilhando de sua a-centricidade, do jogo de remissões de um ponto a outro, sem regras fixas e estáveis de articulação e impossibilitando que a unidade do mito seja algo mais do que o resultado de um esforço de interpretação, Derrida está longe de ignorar os riscos desta determinação do objeto. A começar pela idéia de que esta forma de abordagem se descuida do rigor e da observância de regras do jogo científico. A questão não é fazer o que se quiser com os dados, informações, depoimentos ou textos que se têm à mão, juntando-os de forma improvisada e irresponsável. Trata-se, antes, de como se concebe a totalização que acompanha e resulta dos percursos do saber científico. Pois há, assevera Derrida, duas maneiras de pensar o limite da totalização - ambas coexistindo implicitamente no texto de Lévi-Strauss:

"A totalização pode ser julgada impossível no sentido clássico: evoca-se portanto o esforço empírico de um sujeito ou de um discurso finito se afadigando em vão ante uma riqueza infinita que ele não poderá jamais dominar. Há muito mais do que se pode dizer. Mas, pode-se determinar de outra forma a não-totalização: não mais sob o conceito de finitude votado à empiricidade, mas sob o conceito de **jogo**. Se, pois, a totalização não tem mais sentido, não é porque a infinitude de um campo não possa ser abrangida por um olhar ou um discurso finitos, mas porque a natureza do campo - a saber, a linguagem e uma linguagem finita - exclui a totalização: este campo é, com efeito, o de um **jogo**, isto é, de substituições infinitas no interior de um conjunto finito. Esse campo só permite tais substituições porque é finito, isto é, porque em lugar de ser um campo inesgotável, como na hipótese clássica, em lugar de ser muito amplo, lhe falta alguma coisa, a saber, um centro que interrompa e funde o jogo das substituições" (1967:423).

Esta falta que deve ser suplementada, preenchida, é o que enseja as múltiplas possibilidades de significação que, num dado momento ou através do tempo, se impõem ou escapam ao controle da estrutura e se apresentam como sua verdade (enfim, diz-se,

revelada ou concretizada). Como no que dissemos anteriormente sobre a interdisciplinaridade, se há excesso é porque há falta, se algo escapa não é tanto por conta de uma mera inadequação dos instrumentos ou incompetência do investigador, nem por conta de uma inesgotável riqueza do real. É antes porque as unidades do conhecimento - fatos, instituições, grupos sociais, períodos históricos, culturas, etc. - são marcadas por uma falta constitutiva, um "buraco" no ser que clama por preenchimento, mas que jamais se deixa coincidir inteiramente com os "candidatos" a ocuparem este vazio. O desfile dos substitutos - teorias, métodos, autorias, novos temas e modos de questionamento - que definem quer a prática sincrônica, quer a história da interdisciplinaridade, são a condição de possibilidade desta, ao mesmo tempo em que atestam sua impossibilidade última: no fundo, o programa interdisciplinar está fadado ao fracasso, se se fundamenta na primeira das concepções dos limites do conhecimento que Derrida chama de "clássica". Mas ao invés deste fracasso ser um atestado de inutilidade de tal projeto, é um dos momentos de sua interminável retomada.

Voltemos uma vez mais à metáfora da exorbitância. Em *Gramatologia* ela é mobilizada na seção em que Derrida enfrenta o problema do método da desconstrução. A desconstrução, nos seus primeiros movimentos, se caracterizou por destacar um termo no texto analisado cuja ambiguidade, contraditoriedade ou oscilação de sentido traria à tona não só a abertura de sentido do texto, como a arbitrariedade da decisão tomada pelo autor (ou instituição) na ilusão de controlar o deslizamento de sentido de seu próprio discurso. O problema é: ao propormos um sentido, uma ambiguidade, uma contradição, uma explicação, uma pluralidade indecidível para uma fala ou ação da qual o ator em si mesmo não parece se aperceber (ou admitir) - como Derrida faz com a palavra "suplemento" no texto de Rousseau -, não estaríamos forçando, para além da verdade, da propriedade, algo desde fora, caindo na ilusão de que sabemos mais ou melhor do que o ator? Não estaríamos exorbitando os limites?

Numa primeira aproximação, Derrida responde: fala-se/escreve-se *em* uma linguagem e *em* uma lógica cujo sistema, leis e vida próprios não se pode por definição dominar de forma absoluta. Neste sentido, "a leitura deve sempre objetivar uma certa relação, imperceptível ao escritor, entre o que este domina e o que não domina dos padrões da linguagem que ele utiliza. Esta relação não é uma certa distribuição quantitativa de luz e sombra, de força ou fraqueza, mas uma estrutura significativa que a leitura crítica deveria *produzir*" (1976:158). Mas, produzir o quê? Derrida rejeita duas alternativas: a) nem se trata de reproduzir o texto, pela duplicação respeitosa do comentário, apesar de se ter que lançar mão de todo o rigor dos instrumentos da crítica textual tradicional; b) nem se deve referir o texto a uma externalidade, a um significado transcendental, fora do texto analisado, cujo conteúdo tenha lugar fora da linguagem: "Não existe o fora-do-texto [*il n'y a pas de hors-texte*]", e "no que se chama de vida real destas existências 'de carne e osso', além e atrás do que se acredita poder circunscrever como o texto de Rousseau, nunca houve nada senão escritura; nunca houve nada senão suplementos, ... o 'real' sobrevivendo, e se acrescentando apenas enquanto assume um sentido a partir de um traço e de uma invocação do suplemento" (1976:160).

A saída sugerida é tripla: a) produzir uma leitura intrínseca e manter-se *no interior do texto*, sabendo que reconhecer esta impossibilidade de separar o significante do significado por meio da interpretação ou do comentário é um ato historicamente determinado. Afinal, na história do texto, ou dos textos em geral, no Ocidente, houve sempre a pretensão de buscar o significado por trás de/governando o significante, e esta pretensão assumiu diferentes formas, diferentes relações com o que, a partir do significante, é apresentado/tornado presente como o estrato irreduzível do significado; b) produzir uma leitura que reconheça estar implicada igualmente *numa história, numa linguagem* - tal qual o texto analisado - destas derivando seus princípios ou sua verdade e tendo que por elas prestar contas, ainda que se pudesse dizer que a história e a linguagem da metafísica nos envolve tanto como a Rousseau; e c) produzir uma leitura que admita que, ainda que seja possível circunscrever o sentido do texto analisado a uma história particular, a um lugar na história geral, é possível abrir outras possibilidades, por meio do recurso a (outros) textos ou usos que pareceriam *exorbitantes*. Por exemplo: não seriam fazer uma crítica d(e toda)a metafísica a partir de um texto de Rousseau, ou isolar o tema da complementaridade no texto de Rousseau, exorbitâncias?

"Pode-se dizer que este estilo é empiricista e de certa maneira isto seria correto. A *partida* é radicalmente empiricista. Ela procede como um pensamento errante sobre a possibilidade do itinerário e do método. Ela é afetada pelo não-saber tanto quanto por seu futuro e se *aventura* deliberadamente. (...) Mas aqui o próprio conceito de empirismo se destrói. Exceder a orbe metafísica é uma tentativa de sair da órbita, pensar a totalidade das oposições conceituais clássicas, particularmente aquela no interior da qual mantém-se o valor do empirismo: a oposição entre filosofia e não-filosofia, outro nome para o empirismo, para esta incapacidade de alguém sustentar por si próprio e até o limite a coerência de seu discurso, para o ser produzido como verdade no momento em que o valor da verdade se destrói, para o escapar das contradições internas do ceticismo, etc. (...)

"(...) A abertura da questão [ou seja, o princípio do questionamento, da interrogação do real, do acontecimento, JAB], o afastamento em relação à clausura de uma auto-evidência, o por em dúvida um sistema de oposições, todos estes movimentos necessariamente têm a forma do empirismo e da errância. (...) Temos que começar *onde quer que estejamos* e o pensar o traço, que não pode não levar o rastro em consideração, já nos ensinou que era impossível justificar um ponto de partida absolutamente. *Onde quer que estejamos*: num texto onde já acreditamos estar" (1976:162).

Por outro lado, não há como evitar que haja algum método. Como explica Derrida, na medida em que toda identidade ou objeto traz em si as marcas de tantas outras passagens e inscrições - antigas e recentes, marcas que foram feitas na própria identidade ou objeto, ou que remetem a outras que tecem uma história ou trajetória de traços, não se pode evitar a possibilidade de repetições. Não há leitura que comece do marco zero, ou que seja absolutamente nova; não há textos ou fatos que não possam ser inscritos numa rede de significações ou regras interpretativas previamente constituídas ou elaboradas "em outro lugar". A própria linguagem põe em cena a generalidade e divide todo idioma, isto é, todo objeto com pretensões de absoluta singularidade ou especificidade entre o que lhe é "próprio" e o que em si mesmo é

"outro". Consequentemente, concede ele, "se alguém tenta preservar o idioma do método ..., de um sistema de regras que outros vão poder seguir ... pelo fato do idioma não ser puro, já existe método" (1995:200). Assim, conclui, "[n]o que eu escrevo, eu acho que também há algumas regras gerais, alguns procedimentos que podem ser transpostos por analogia - é isto que se chama de ensino, saber, aplicações - mas estas regras são assumidas num texto que é cada vez um elemento único e que não se deixa transformar totalmente num método" (Ibidem).

Praticar a interdisciplinaridade, nesta direção, é abrir mão de um sistema a ser aplicado, seja ele uma teoria ou metodologia todo-abrangentes, é aventurar-se num percurso em que não somente o **quê** mas o **como** estão simultaneamente em questão. A "filiação" de uma dada leitura à desconstrução tem o caráter de uma transposição por analogia, não de uma mera reprodução de um conjunto de técnicas fixas e estáveis. Estamos próximos do que dizia Wittgenstein sobre a observância de uma regra: que cada instância de "aplicação" é na verdade uma modificação da regra e que no fundo, trata-se de uma questão de quem está no controle das regras. O excesso em relação à lógica disciplinar, por sua vez, não decorre de uma infinita riqueza do objeto, nem da incapacidade da linguagem de dar vazão (o que, neste caso, vem a ser o mesmo que conter) à exuberância do real: não há mundo significativo fora da linguagem, não há linguagem que não objetivize (isto é, pretenda constatar, evidenciar, postular um mundo), não há o fora-de-texto. Tampouco a proliferação de discursos ou sua articulação crescente será capaz de dar conta do real, pois este se constitui como falta: falta que pede ser preenchida, mas que jamais pode sê-lo, pois não é falta de algo que se perdeu, mas um "vazio de ser" que se projeta entre uma arquê e um telos.

Ligando à discussão de um "clássico" (não-)conceito derridiano, a "diferença", diríamos que a interdisciplinaridade é possível porque a identidade de todo objeto divide-se entre o que ele "é" e o que lhe permite afirmar-se demarcando-se de um outro e, eventualmente, de si mesmo. Porque há sempre remissão a um outro elemento no interior mesmo de qualquer coisa que haja (acontecimento, categoria discursiva, instituição, grupos ou classes sociais, etc.), há portas de entrada diversas que reconstroem parcial e provisoriamente o sentido dessa coisa. Como ele diz:

"A diferença é o que faz com que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito 'presente', que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que àquilo a que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio; absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados. É necessário que um intervalo o separe do que não é ele para que ele seja ele mesmo, mas esse intervalo que o constitui em presente deve, no mesmo lance, dividir o presente em si mesmo, cindindo assim, como o presente, tudo o que a partir dele se pode pensar, ou seja, todo o ente, na nossa língua metafísica, particularmente a substância e o sujeito" (1991:45).

Não quero absolutamente dizer que isto esteja implícito ou seja requerido sempre que se fale em interdisciplinaridade. O que pretendo realçar aqui são, antes, pontos de contato e de interrupção entre a lógica da desconstrução e o campo no interior do qual cobra sentido falar-se de interdisciplinaridade.

Gostaria de mudar uma vez mais de terreno e introduzir um outro aspecto da problemática da interdisciplinaridade que põe em contato o tema do mercado e um certo desafio a que essa modalidade do fazer científico não poderia se furtar. Questionado numa entrevista publicada em 1976 sobre as diferenças de estilo e forma de seus escritos no contexto do campo filosófico (seja em relação ao que lhe seria convencional, seja em sua variação de um para outro na própria "obra" derridiana), Derrida encontra dificuldade em explicar o que leva a esta pluralização, tendo em vista não haver um plano deliberado de sua parte em fazê-lo. O que ocorreu entre a confecção desses textos dependeu não somente dele, mas também

"de uma história, das leis de um certo 'mercado' que são muito difíceis de delimitar: as relações entre o que eu já escrevi e o que estou escrevendo sobre uma cena em transformação que constantemente me excede, a estrutura da capitalização, da elipse, da filtragem, as relações mais ou menos virtuais com aqueles que me lêem ou os que não o fazem, a percepção mais ou menos distorcida que eu tenho disso, o sistema de intercâmbio com um campo socio-político ou ideológico muito complexo" (1995:12).

Nenhum discurso, método ou programa científico, continua adiante Derrida, é capaz de dominar a delimitação desse "mercado" (Idem:13), e isto não é uma deficiência que se deva lastimar. Afinal, há uma proliferação de novas tentativas de fazê-lo - diríamos, por exemplo, discursos sobre as ciências sociais, discursos teóricos, políticos, metodológicos, discursos econômicos. O de que se trata é se dar os meios de operar transformações neste campo ou mercado, meios ou "instrumentos" capazes de "se equipararem a tudo que, **no mercado, dentro** do campo da produção e da reprodução, pretende dominar o campo, sua lei de saturação ou insaturabilidade" (Ibidem). A cena não se esgota em escolhas ou esforços teóricos e individuais.

"A competição não se dá entre forças finitas (quer discursivas, quer não-discursivas), mas entre pretensões hegemônicas que possuem, cada uma, um potencial regulado de exceder os limites, um escopo super-regional cuja lógica interna deve-se também entender". "[O] que se precisa é de 'produzir' alguns 'conceitos' do campo capazes de se equipararem, a partir de dentro ou de fora, a aquelas várias lógicas do campo (que são também parte dele) referidas pelos nomes de 'Marx', 'Nietzsche', 'Freud', 'Heidegger', etc. E não somente 'produzir' estes novos 'conceitos', mas transformar o modo de sua produção: escrever de forma diferente..." (Ibidem).

Esse mercado, ou campo, que se desdobra e movimenta, põe na nossa agenda, nesses tempos a necessidade e a legitimidade de se jogar com as fronteiras disciplinares, escapando-lhes ou forçando-as (ora distendendo-as, ora contraindo-as). Há campo, há mercado para a interdisciplinaridade. O campo ou mercado do saber (jogamos aqui com sentidos do termos que podem ou não se encontrar em Derrida), bem como o mercado

"estrito senso" requisitam e credenciam iniciativas nessa direção. Mas estaríamos fazendo pouco se nossa prática representasse apenas uma espécie de rendição às exigências do tempo e de Sua Alteza o Mercado. Se algo mudou no fazer acadêmico - notadamente no trabalho de pesquisa e no ensino de pós-graduação - que credencia e requisita a interdisciplinaridade, a exigência não pode se limitar a prestar homenagens a esta descoberta de uma nova produtividade que, afinal, cabe perfeitamente no estado de coisas vigente e até reverte em benefício do seu reforço. De pouco vale a incorporação deste "comércio" com os elementos constituintes de diversas disciplinas se não se muda a forma de produzir o saber, o que inclui, para Derrida, também a forma de apresentá-lo. Afinal, escrever é, para ele, uma junção de produção e apresentação - constrói-se no texto o saber que se relata através do texto. A desconstrução recusa-se a ser uma forma de dissenso: ela tem ambições de mudar a forma de produzir o saber e isto vai além até mesmo de uma mudança na forma de escrever; exige-se mudanças das instituições em que se pesquisa e escreve. Não pode haver desconstrução teórica, a desconstrução nunca se limita a conceitos, pensamentos e discursos, embora deva-se observar, ele adverte, possíveis "gaps" entre os discursos e práticas desta desconstrução de tipo teórico ou filosófico e os da desconstrução política (1995:28).

A desconstrução, como até certo ponto a interdisciplinaridade, depara-se com aparatos institucionais que não são monolíticos, embora se oponham a ela, e que demandam diferentes estratégias de negociação e composição entre indivíduos e grupos que não se afinam em todos ou mesmo na maioria de suas posições. "[A] transformação reclama uma multiplicidade de gestos aparentemente heterogêneos. Tanto gestos individuais como grupais. E mais: isso/*id*<sup>10</sup> se faz mais frequentemente sem gestos e sem conhecimento. Isso/*id* acontece tanto por meio de rupturas e perturbações do código na maneira de se escrever, ensinar, praticar ou contrabandear a linguagem ou os instrumentos da lógica e da retórica, quanto por meio do que se chamam 'ações' que intervêm na ou através da forma mais reconhecida dos aparatos" (Idem:57).

Colocar a questão do inconsciente aqui pareceria despropositado e extemporâneo, não representasse ela o índice de uma dupla marca da desconstrução e de sua política do duplo vínculo. Derrida ressent-se na filosofia de uma desatenção para com a **problemática** psicanalítica (mais do que qualquer referência doutrinária ou o uso de categorias deste campo), que ponha o desejo, a intransparência e descentramento do sujeito, a questão da falta, o trabalho do luto, a exclusão incorporativa, etc. no campo de considerações da dimensão institucional e estratégica da ação individual e social. Além disso, Derrida pretende **politizar** a problemática psicanalítica, ao incorporá-la no diálogo com a filosofia: a desconstrução procura integrar, assim, as linguagens do inconsciente, da filosofia e da política numa intervenção teórica e prática (cf. 1995:67). Estaríamos, então, em presença de um pensamento que, além de se aventurar continua e insistentemente por áreas e temas que não se regem por um código comum nem muito

---

10 A palavra francesa para isso, "ça" é a mesma que traduz o "id", a instância do inconsciente no vocabulário freudiano.

menos restrito, também propõe submeter tais “objetos” a problemáticas que recaem sob a vigilância de diferentes disciplinas.

Estas indicações nos dão uma idéia do tipo de prática interdisciplinar que está implicada na feitura da desconstrução, bem como da forma de acesso à problemática: duplo vínculo, exorbitância, divisão de toda identidade entre o que ela é e o outro que a habita (como aliado, parasita ou oponente), singularidade e método, politização teórica e prática. E assim fazendo, preparam-nos o terreno para um conjunto de colocações com as quais irei arrematando alguns pontos desta exposição.

A interdisciplinaridade, tal como sugeri até aqui, descreve um terreno, uma espécie de *no-man's-land* (compreensivelmente controvertido e cobiçado) entre as disciplinas, no *in-between* que as delimita, pensamento de fronteira, lusco-fusco de uma errância do saber. Tomando um exemplo mencionado por Roland Barthes, o da linguagem e da obra (literária), pode-se dizer com ele que se a mudança é evidenciada nos desenvolvimentos recentes de várias disciplinas - como a linguística, a antropologia, o marxismo e a psicanálise, o conteúdo da mudança não deriva necessariamente da dinâmica interna de cada uma delas,

"mas procede, antes, de seu encontro no nível de um objeto que tradicionalmente não depende de nenhuma delas. A atividade interdisciplinar, valorizada hoje como um importante aspecto da pesquisa, não pode ser realizada por simples confrontações entre vários ramos especializados do conhecimento. O trabalho interdisciplinar não é uma operação pacífica: ele começa efetivamente quando a solidariedade das velhas disciplinas é rompida - um processo que se faz mais violento, talvez, pelo impacto da moda - em benefício de um novo objeto e uma nova linguagem" (1979:73) - no caso de Barthes, o texto.

Entretanto, mais frequentemente a interdisciplinaridade é vista nos termos indolores de um amálgama de pequenas contribuições, na calma de uma pretensão eclética de que é a soma de múltiplos enfoques que "enriquece" o conhecimento de um objeto, questão ou área do conhecimento. Preferir-se-ia que algo como uma comunhão de interesses caracterizasse quer a prática da interdisciplinaridade, quer a formação de um consenso intersubjetivo a respeito do seu valor e necessidade. Juntando-se a fascinação pelo termo e o que ele designa, de um lado, e a atitude pragmática (que chamamos acima de consciência da escassez) ou oportunista (o modismo ou a indolência ante as exigências da prática disciplinar), de outro, resulta que o "inter" se transforma numa zona cinzenta na qual todos os gatos se tornam pardos. "Inter" que estabiliza o *in-between* enquanto interação, intercâmbio, troca de experiências (quicá gentilezas ou favores na política da pesquisa acadêmica).

Não há meios de impedir que este deslizamento se dê. Há apenas que se lutar para que ele não venha a congelar a possibilidade transgressiva da prática interdisciplinar, aquilo que, no seu momento "inter", anuncia uma **trans**-disciplinaridade, uma travessia ou passagem à **pós**-disciplinaridade. Pós-disciplinaridade que não será, contudo, o que sobrevem à era das disciplinas ao se esgotarem, ao desaparecerem. A pós-

disciplinaridade seria antes a afirmação da necessidade de sermos disciplinares até o ponto em que experimentaríamos os limites desse campo, ponto em que se anunciaria o que já não poderia de forma alguma ser contido por qualquer disciplina, embora tenha estado sempre sob o seu (projeto de) controle.

Nesta linha, podemos imaginar cinco possibilidades de negociação do sentido do "inter", do espaço entre as disciplinas, não necessariamente estanques entre si, mas implicando maior ou menor grau de conflito e permeabilidade à composição. Identifiquemo-las a seguir.

1. Seriam interdisciplinares enfoques que mantenham a sua suposta integridade e especificidade "originais" enquanto oferecem sua contribuição num campo que lhes é estranho, porém a partir de seu próprio "jeito de ser", chamando a si a hegemonia do discurso sobre o objeto. Tal compreensão mantém-se indecisa entre o "inter" como interstício e como confluência de contribuições. Ela quer assegurar que haja cooperação, mas sob a hegemonia ou mesmo dominação de uma perspectiva. Este é o caso de uma abordagem disciplinar que pretende **abrir-se** para **suplementações** de outras áreas, sem se dar conta de que a lógica do suplemento é ambígua: ela trai uma deficiência que reclama por totalização e enseja uma substituição do enfoque, discurso ou aspecto "original" pelo novo elemento recrutado para cumprir ali uma função subordinada.

2. Seria interdisciplinar a mistura de abordagens e técnicas de investigação "pertencentes" a disciplinas distintas, em vista do que se percebe como a complexidade do objeto (ou de sua inserção no real), como impasses e inconsistências das soluções alcançadas pelas disciplinas para os problemas que se colocaram e/ou como a necessidade de adequação da metodologia e teoria às mudanças histórico-sociais. Esta compreensão apóia-se na dimensão intersticial, híbrida, do espaço que se constitui pela e para a prática interdisciplinar, explorando as margens que a política oficial das disciplinas deixa inexploradas ou desqualifica como irrelevantes. Quer intensificar a produtividade do *in-between*, das margens, do exorbitante, testemunhas de que algo no real subtrai-se à clausura do saber estabelecido. Esta interdisciplinaridade, entretanto, superestima a ruptura e em geral pouco se dá conta de sua reabsorção na lógica sistêmica da disciplinaridade, por exemplo, quando ao institucionalizar espaços interdisciplinares, aceita mantê-los como "alternativas" à margem da disciplinaridade ou coexistir com esta, como uma espécie de oposição acadêmica.

3. Seria interdisciplinar uma retomada do projeto totalizante da ciência como reveladora da racionalidade intrínseca do real - a interdisciplinaridade repondo a idéia de um super- ou meta-discurso sobre o real que consegue apreendê-lo em todas as suas particularidades e reentrâncias. Pretensão de esgotar o real na sua representação, que descarta a finitude e a situacionalidade de todo saber. Bem faríamos em assimilar aqui a crítica que, desde a tradição hermenêutica, chegando às mais recentes correntes pós-estruturalistas e pós-modernas, tem-se oposto ao projeto iluminista tal como concebido

nos séculos 18 e 19. Segundo Soares, a partir da crescente percepção dos impasses do iluminismo, retomam-se, no discurso de ponta das ciências humanas e sociais, certas ênfases românticas: (i) a tese de que as condições de possibilidade da ação não a tornam *a priori* necessária, sendo preciso dar-se conta do momento da decisão; (ii) a afirmação dos limites da unidade do sujeito e da cultura: heterogeneidade de valores ou concepções a que aderem simultaneamente os indivíduos, em diferentes esferas de sua vida, tornando o sujeito desigual a si mesmo; (iii) precariedade, deslocamento das unidades conceituais (sujeito, ideologia, indivíduo, cultura, identidade); (iv) crise da noção de paradigma, dos critérios de seleção entre eles, revelando a contingência das escolhas, sua situação em algum horizonte parcial, histórica e epistemologicamente. A decisão que liga a experiência de crise a uma escolha/resposta alternativa não se justifica nos termos de qualquer das duas. É um "salto no escuro". Salto, no entanto, interpretável, reconstrutível (*a posteriori*) e, portanto, integrável a um conjunto de regras de produção de sentido (a tradição, os jogos de linguagem, que constituem sujeito e objeto); (v) estética: reinvenção do universal - o *corpus* conceitual que acolhe um novo objeto recompõe-se ao fazê-lo e para fazê-lo.

4. Seria interdisciplinar a identificação de novos objetos, novas questões e novas abordagens, que constituiriam um terreno irreduzível ao "próprio" de cada disciplina, requerendo das mesmas que se descentrem, ou se pluralizem, para darem conta do novo. Tudo o que leva a falar do novo, entretanto, se faz a partir de referências disciplinares, pelo menos até que o *in-between* se adense o suficiente para constituir um outro campo, estabilizando-se sob determinadas práticas e princípios, formando sua comunidade discursiva (Maingueneau) e gestando uma tradição. É preciso saber de onde se vem para poder deixar-se impactar pelo excesso. Rigor disciplinar como condição para o que se propõe a ir além do disciplinar.

5. Seria, enfim, interdisciplinar uma **estratégia** de questionamento da lógica disciplinar e dos arranjos institucionais por ela produzidos, que opera a partir de um lugar disciplinar, sem contudo deixar de fazer-lhe violência, expandindo e contraindo suas margens de modo a produzir efeitos políticos no campo do saber (tanto o campo coberto pelo saber quanto as instituições que velam pela produção do saber). Trata-se de uma concepção politizada da interdisciplinaridade, que avalia e calcula estrategicamente<sup>11</sup>, mede forças e se aventura a deslocar os espaços existentes, não para simplesmente ultrapassá-los (ao menos não como objetivo imediato - e quando tal projeto ocorre não está nunca ao alcance de uma intenção individual ou de pequenos grupos decidirem), mas para **fazer o jogo**<sup>12</sup> que a falta na estrutura permite.

<sup>11</sup> Embora este cálculo não seja do mesmo tipo que o das teorias da escolha racional: o que se calcula se faz na ausência de controle sobre o campo, não somente no sentido banal da quantidade de fatores a considerar ou das consequências não-pretendidas, mas no sentido do não-conhecimento de si, dos impulsos inconscientes, que divide, de partida, o cálculo entre o que se quer atingir e o não-saber por que o cálculo. Estratégia, ainda, que escapa a todo cálculo, por se definir frente a um outro (ou outros) cuja positividade se define no espaço da relação, "dissolvendo-se", deslocando-se caso esta se modifique ou cesse de existir.

<sup>12</sup> Compreendamos o **jogo** aqui no duplo sentido da "folga", "margem de manobra" deixada pela estrutura, sinal de sua incapacidade de a tudo controlar e disciplinar, bem como de arena de negociações e luta na qual

Chego ao meu último ponto: o problema do diálogo científico. Registro desde logo uma dificuldade: seria uma exigência do tema que me foi solicitado desenvolver sugerir que a interdisciplinaridade visa ao diálogo pela mediação do discurso? O ser discutido numa mesa com outros colegas não reforçaria esta leitura? Discurso deixa-se desembocar em diálogo? O diálogo científico, supondo-se que ele se dê nestas bases, seria outro nome para a interdisciplinaridade, ou ainda seu ponto de chegada? Não posso responder em definitivo a tais questões na elipse do tema. O que propus até aqui foi uma exploração do "entre", uma entre-vista. Uma vista do que se põe ao mesmo tempo dentro e fora das disciplinas. Uma resposta às várias vozes que me confrontam - começando pela do colega que me solicitou esta comunicação originalmente -; entrevista, portanto. Uma exploração do jogo que este hímen (inter)disciplinar enseja/propõe/insinua. Entre a singularidade do acontecimento, a sua localização numa rede de outros acontecimentos que faz (ou pretende fazer) sistema, estrutura, e os jogos de tradução de um campo a outro - diálogo e consenso, diálogo e diversidade edificante, diálogo e a descontinuidade dos diferentes jogos de linguagem que mobilizam(-se) (n)a inter-disciplinaridade.

O diálogo que a interdisciplinaridade provê não se destina a dizer mais integralmente o real, a representá-lo mais autenticamente e fielmente; não é um meio de falar de maneira mais profunda e sistemática sobre aquilo de que as disciplinas só puderam oferecer visadas particulares, perspectivais, até mesmo enviesadas. O diálogo científico é antes um esforço para nos havermos com a finitude do conhecimento, a precariedade das aquisições científicas, a alteridade irreduzível do outro, em face da necessidade da tradução/distorção pela linguagem: o diálogo interdisciplinar, assim, é ao mesmo tempo uma confissão de nossa pobreza - nossas disciplinas não podem tudo, nem mesmo no terreno que definiram para si próprias - e uma afirmação de nosso desejo - desejo de completar uma falta que acomete a nossa relação com o mundo e conosco mesmos; desejo de voltarmos a ser (ou estar em) algo que nos foi roubado muito cedo, mas que a rigor jamais tivemos, e que nos arroja ao futuro, numa busca tão incessante e irresistível quanto inglória; desejo que leva do sujeito da ciência ao sujeito da política pela mão sempre esguia e imprevisível do sujeito do inconsciente.

A expectativa de que o correr do tempo e a correção das perspectivas parciais e inadequadas anteriormente admitidas levariam a uma aproximação crescente do sentido (Schleiermacher) torna-se impossível de realizar-se, uma vez que nem mesmo os sujeitos são idênticos-a-si, não podendo assim garantir a unidade de qualquer série discursiva. Como a parte não é uma representação do todo, uma realização imperfeita aguardando complementação (cf. Soares, 1994:58), e como a razão defronta-se com o limite cotidiano da conveniência de renunciar à busca do sentido pleno, o que é parte é assumido em sua "positividade" (mas esta nunca é pura e simples evidência), despido de qualquer anúncio futuro, de qualquer virtualidade (Paul Veyne), como **diferença**. "Cada segmento do real extrai seu sentido da irreduzibilidade da diferença constituída

---

concepções diferentes se articulam e/ou se antagonizam.

por sua positividade" (Idem:59). Diferença, entretanto, que nunca se dá fora de um marco relacional.

O diálogo interdisciplinar é uma função do nosso dis-curso, isto é, de nossa habitação numa linguagem que nos descortina o mundo tanto quanto o encobre - e portanto nos situa e impede de acesso ao real "nu e cru" - bem como uma função de nossa errância, que na etimologia do latim *discursus*, correr de um lado para outro, e na exploração do prefixo de separação, disjunção, apartação, nos remete ao fora-de-rumo, fora-dos-eixos (dis-curso), nos destina ao dissenso da argumentação (discurso) e da demonstração (discurso), tanto quanto à interação, ao intercurso. Como morada e abertura, não nos resta outra coisa senão a afirmação do cruzamento de saberes, não por ser este mais fácil, mais recompensador ou mais agregador, mas porque é no *in-between* das perspectivas parciais e das pretensões de saber atormentadas pela sua incapacidade última que se joga, em cada momento vivido, o sentido do que **teremos sido**.

Relativismo? Sim e não. O problema do relativismo não pode se colocar como discussão sobre a possibilidade ou não do real. A crítica relativista diz respeito aos critérios de validação das traduções e interpretações e à impossibilidade do método. Confundir as duas coisas é uma tendência seja de relativistas seja de seus críticos. Mas não se trata de conciliar as duas posições em nenhuma síntese. A referência mútua entre universalismo e relativismo não permite nenhum "compromisso funcional de fundo, mascarado por antagonismo aparente ... O antagonismo está no fundo do problema e o círculo estabelecido pelo choque é insuperável. O quadro que resulta dessa interpretação do dilema definido pela oposição relativismo/universalismo é **aporético, agonístico e insuperável**" (Soares, 1994:86). Não há meio termo, um ecletismo superficial (interdisciplinar?) a adotar. A saída é assumir um dos eixos do conflito e "incorporar à posição o reconhecimento de sua precariedade, que se deve articular à consciência da relatividade" (Idem:90). Como não é possível resolver o deficit de fundamentação por meio de um percurso exaustivo e rigoroso por todas as possíveis formulações - o que nos deixaria apenas, ao final, com a necessidade de decidir em relação a todas elas - é preciso assumir a prioridade do relativismo aqui. E com ela, a irrefutabilidade do pluralismo: "Se as variações nos modos de definir um problema o alteram significativamente - a ponto de se tornar razoável, num primeiro momento, a exigência de um inventário completo para testar plenamente a hipótese a ser exposta -, isso necessariamente implica a pluralização do problema, na exata medida em que se multiplicam as formas de sua definição" (Idem:92).

Quisemos dar a isto o nome de interdisciplinaridade, uma entre-vista sobre o que não está dentro nem fora das disciplinas, porque ocupa (im)precisamente o dentro e o fora. Duplo vínculo. Território do "entre" dis-cursos.

## Referências Bibliográficas

Barthes, Roland. 1979. "From Work to Text", Harari, Josué V. (ed.). **Textual Strategies - Perspectives in Post-structuralist Criticism**. London, Methuen & Co.

Derrida, Jacques. 1967. **L'Écriture et la Différence**. Paris, Seuil

\_\_\_\_\_. 1976. **Of Grammatology**. Baltimore, Johns Hopkins University

\_\_\_\_\_. 1991. **Margens da Filosofia**. Campinas, Papirus

\_\_\_\_\_. 1995. **Points...** Interviews, 1974-1994. Stanford, Stanford University

Greimas, Algirdas J. 1981. **Semiótica e Ciências Sociais**. São Paulo, Cultrix

\_\_\_\_\_ e Landowski, Eric (eds.). 1986. **Análise do Discurso em Ciências Sociais**. São Paulo, Global

Ricoeur, Paul. 1988. **Interpretação e Ideologias**. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves

Soares, Luiz Eduardo. 1994. **O Rigor da Indisciplina**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará

Santos, Boaventura de Sousa. 1989. **Introdução a uma Ciência Pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal